

REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE *IDENTIDADE*

Rogério Tilio (Unigranrio)
Doutor em Letras

Resumo

Este é o segundo de uma série de três artigos que pretendem discutir as questões cultural e identitária na pós-modernidade. Neste segundo texto, considerações acerca do conceito de identidade serão tecidas, visando discutir a relevância deste tema na contemporaneidade. O conceito de identidade é aqui entendido dentro de uma perspectiva socioconstrucionista – identidades múltiplas e não essencialistas. Será também abordado o papel das relações de poder nas manifestações identitárias e, finalmente, concluo tentando marcar teoricamente o que entendo por “identidade social” e “identidade cultural”.

Palavras-chave

Identidade, poder, pós-modernidade, socioconstrucionismo

Abstract

This is the second of a series of three articles aiming to discuss cultural and identity issues in post modernity. In this second text, considerations will be woven about the concept of identity, in order to discuss the relevance of this topic in the contemporary time. The concept of identity is understood here in a socioconstrucionist perspective – identities are multiple and non-essentialist. The role of power relationships in manifestations of identity will also be approached. Finally, I finish this text trying to establish theoretically what I understand by “social identity” and “cultural identity”.

Keywords

Identity, power, post modernity, socioconstrucionism

Identidade social deve ser entendida como a forma pela qual os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que vivem e pela qual percebem os outros em relação a eles próprios (BRADLEY, 1996). Weeks (1990) define identidade como o sentimento de pertencer a um determinado grupo; é a identidade que define “o que você tem em comum com algumas pessoas e o que o torna diferente de outras” (WEEKS, 1990, p.88). Analogamente, Norton (2000) entende identidade como a forma “como a pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída ao longo do tempo e do espaço, e como a pessoa entende possibilidades para o futuro” (NORTON, 2000, p. 5). Entrando no campo das identidades sociais em específico, Bradley (1996, p. 24) diz que:

a identidade social se refere ao modo como nós, enquanto indivíduos, nos posicionamos na sociedade em que vivemos e o modo como percebemos os outros nos posicionando. As identidades sociais provêm das várias relações sociais que as pessoas vivem e nas quais se engajam.

A Figura 1, abaixo, procura representar graficamente como indivíduos, ao se engajarem em relações sociais, constroem identidades sociais, que, por sua vez, inserem-se em determinadas culturas.

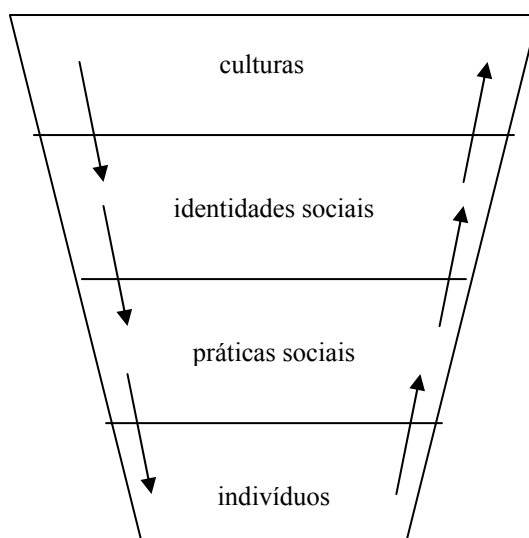


Figura 1: Multidimensões das inserções sociais

A visão sócio-construcionista acarreta, naturalmente, uma visão não-essencialista das identidades sociais. Isto quer dizer que não entendo as identidades sociais como definidas biologicamente ou fixas. “A identidade não é algo que encontremos, ou que tenhamos de uma vez e para sempre. Identidade é um processo” (SARUP, 1996, p. 28). As identidades sociais surgem em manifestações de discurso, pois “embora a identidade possa ser construída de diversas formas, ela é sempre construída no simbólico, ou seja, na linguagem” (SARUP, 1996, p. 48).

Assim como o discurso é construído pelos seus participantes, também são as identidades sociais. É através do discurso que as pessoas constroem suas identidades sociais e se posicionam no mundo (HALL, 1990). As identidades sociais são construídas “no e através do discurso” (SARUP, 1996, p. 47). Identidades sociais não são fixas e inerentes às pessoas; elas são construídas no discurso durante os processos de construção de significados. Um conceito fundamental, portanto, aqui é o conceito de alteridade: aquilo que dizemos em nossas práticas discursivas depende da forma como enxergamos o outro. Conseqüentemente, a forma como nos vemos no mundo social também depende da forma como enxergamos o outro e de como o outro nos enxerga (BAKHTIN, 1929 [2002]).

Ao participarmos de uma prática discursiva, além de percebermos e considerarmos as identidades sociais dos participantes dessa prática, estamos também trabalhando na construção e reconstrução das identidades sociais destes participantes, assim como das nossas próprias.

Essa concepção de identidade rejeita o sujeito do Iluminismo, centrado e unificado, e baseia-se em um sujeito sociológico, que constrói identidade ao interagir com a sociedade, e em um sujeito pós-moderno, que não tem identidade fixa, essencial, permanente, pois ela é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1992 [2003, p. 13]). E nesse contexto da pós-modernidade o discurso da globalização é um importante fator a ser considerado na construção de identidades, na medida em que nossas vidas podem ser facilmente afetadas por qualquer coisa que aconteça em qualquer lugar do mundo (BAUMAN, 1999; CASTELLS, 1999; FRIDMAN, 2000; GIDDENS, 2002).

A identidade não é algo que exista *a priori* e deva ser resgatado (MOUFFE, 2001). Identidades são construídas em interações sociais, dependem da existência do

outro (MOUFFE, 2001), sendo passíveis de constantes reconstruções e transformações em novas interações. A identidade não está ligada a *ser*, mas a *estar*, ou, mais especificamente, a *representar*. Sendo a identidade uma construção social, e não um dado, herdado biologicamente, ela se dá no âmbito da representação: a identidade representa a forma como os indivíduos se enxergam e enxergam uns aos outros no mundo.

O importante são as representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões. (...) A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. (...) Deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais (CUCHE, 1999, p. 181-183).

Como diria Wittgenstein, “é por meio da participação em jogos de linguagens diferentes que o mundo nos é revelado” (MOUFFE, 2001, p. 413). É através de interações discursivas situadas socialmente que os atores sociais constroem e reconstróem o mundo a sua volta.

Sendo construídas no discurso, as identidades sociais são, portanto, definidas com base em critérios culturais, históricos e institucionais. Segundo Sarup (1996, p. 48), “a identidade é, de certa forma, um efeito das instituições sociais. (...) Todas as identidades, sejam baseadas em classe social, etnia, religião ou nação, são construtos sociais”. Identidades sociais assumem papéis diferentes em sociedades diferentes, pois cada sociedade tem seus padrões culturais para gênero, sexualidade, raça e demais identidades sociais.

As identidades sociais emergem das várias práticas sociais e/ou discursivas das quais os indivíduos fazem parte (raça, etnia, idade, classe social, gênero, sexualidade etc.). Segundo Louro (1997, p. 24), os sujeitos possuem “identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos – étnicos, sexuais, de classe, de gênero etc. – constitui o sujeito”.

Essas múltiplas e distintas identidades constituem o sujeito, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência (LOURO, 2000, p. 12).

Por possuir um conjunto de atributos culturais, o mesmo indivíduo pode ter identidades múltiplas, sobrepostas, multidimensionais (CALHOUN, 2001; CUCHE, 1999; HALL, 1992 [2003]; MOITA LOPES, 2003, 2002, 1999; MOUFFE, 2001; SOARES, 2001). Enquanto na modernidade “as pessoas são normalmente membros de uma e apenas uma nação, (...) membros de uma e apenas uma raça, um gênero e uma orientação sexual, (...) e cada uma dessas afiliações descreve de modo exato e concreto algum aspecto de sua existência (CALHOUN, 2001, p. 220), a pós-modernidade enfatiza o caráter variável, não-essencialista e subjetivista das identidades sociais, ou seja, identidades sociais não são fixas ou pré-determinadas. Uma visão sócio-construcionista do discurso, implica três características para as identidades construídas social e discursivamente: *fragmentação*, *contradição* e *fluxo* (MOITA LOPES, 2003, 2002, 1999).

Identidades sociais são fragmentadas na medida em que não podem ser homogeneizadas e definidas levando-se em consideração apenas uma de suas características. "Uma pessoa pobre não é só pobre, mas também homem ou mulher, heterossexual ou homossexual, preta ou branca, jovem ou velha..." (MOITA LOPES, 1998, p. 310). Uma mesma pessoa possui múltiplas identidades, de acordo com seu gênero, raça, idade, classe social, estado civil, sexualidade, profissão etc.

De fato, os sujeitos são, ao mesmo tempo, homens ou mulheres, de determinada etnia, classe, sexualidade, nacionalidade; são participantes ou não de uma determinada confissão religiosa ou de um partido político... Essas múltiplas identidades não podem, no entanto, ser percebidas como se fossem “camadas” que se sobrepõem umas às outras, como se o sujeito fosse se fazendo “somando-as” ou agregando-as. Em vez disso, é preciso notar que elas se interferem mutuamente, se articulam; podem ser contraditórias; provocam, enfim, diferentes “posições”. Essas distintas posições podem se mostrar conflitantes até mesmo para os próprios sujeitos, fazendo-os oscilar, deslizar entre elas – perceber-se de distintos modos (LOURO, 1997, p. 51).

A fragmentação das identidades leva ao “desencaixe” (GIDDENS, 1990), um “eu jamais acabado” (SENNETT, 1999), transitório (BAUMAN, 1998).

A identidade não se completa, depende do que está por vir. O desmantelamento e reconstrução pós-modernos agrega incerteza permanente e irreduzível à experiência de homens e mulheres contemporâneos. (...) A identidade é (...) um eu transitório sempre à cata de possibilidades inéditas, o que é o mesmo que apontar para uma personalidade pastiche que se compõe de nacos ou de um *bricolage* que traz o emblema de uma unidade sempre perseguida e nunca alcançada (FRIDMAN, 2000, p. 82-83).

Identidades sociais também são contraditórias. Por possuir diversas identidades sociais, duas ou mais identidades de uma pessoa podem entrar em contradição devido às relações de poder existentes na sociedade (FOUCAULT, 1979 [2001]; 1975 [2000]) e à posição que essa pessoa ocupa em determinadas práticas sociais. Moita Lopes (1999), com base em Mercer (1990), afirma que um mesmo homem pode ser um sindicalista e votar em um partido de direita, freqüentar a igreja católica e um terreiro de macumba, ser casado com uma mulher e ter sexo casual com outros homens. Uma visão não-essencialista das identidades sociais pressupõe que identidades contraditórias coexistam em uma mesma pessoa.

Identidades sociais também ocorrem em fluxo, são fluidas (BAUMAN, 2003), ou seja, estão sendo constantemente construídas e reconstruídas, de acordo com as práticas discursivas em que os sujeitos sociais se engajam. Segundo Louro (2000), as identidades sociais são transitórias porque “podem ser (...) provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. A identidade pós-moderna é flexível, dinâmica, aberta a bricolages, sincretismos, híbridos, ambivalências, porosidades (MOUFFE, 2001; SOARES, 2001), “às renegociações sucessivas e aos jogos complexos das micro e macropolíticas envolvidas” (SOARES, 2001, p. 381). Ou, como diz Louro (2000, p. 12), “somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes”.

As identidades pós-modernas são descentradas, deslocadas, fragmentadas, contraditórias,

empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...) À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 1992 [2003, p. 13]).

Outro ponto que merece atenção é a relação entre identidade social e poder. Segundo Sarup (1996, p. 69), “o indivíduo, com sua identidade e características, é o produto das relações de poder às quais está sujeito”. Toda e qualquer prática social e discursiva envolve relações de poder, determinando “quem tem poder e quem é excluído” (WOODWARD, 1997, p. 15). Uma vez que as identidades sociais surgem a partir das práticas sociais e discursivas dos atores sociais, possuir certas identidades sociais diferencia quem tem poder sobre quem. Identidades de etnia, de gênero, de classe e outras identidades sociais são construídas em contextos sociais, históricos e

econômicos, sujeitos a relações de poder, que são reforçados e reproduzidos nas interações cotidianas. São essas identidades sociais múltiplas e imbricadas que implicam possibilidades de interação (NORTON, 2000).

As três características inerentes às identidades sociais apontadas por Moita Lopes (2003, 2002, 1999) e descritas anteriormente, a saber, fragmentação, contradição e fluxo, implicam necessariamente que os sujeitos se posicionem e/ou sejam posicionados no mundo através das inúmeras práticas discursivas das quais fazem parte. Esse posicionamento pode ser passivo, ou seja, os sujeitos aceitam as identidades sociais a eles impostas pelas práticas discursivas da sociedade e submete-se ao seu poder, ou ativo, os sujeitos escolhem que posição tomar, independentemente das práticas discursivas e relações de poder impostas pela sociedade – o que Sarup (1996, p. 51) chama de “identidade política”.

Na mesma linha que Sarup (1996), Castells (1999) também reconhece a construção de identidades ativas ou passivas, dependendo do posicionamento dos sujeitos no meio social. Castells (1999) identifica três formas e origens de construção de identidades: *identidade legitimadora*, *identidade de resistência* e *identidade de projeto*. A identidade legitimadora é aquela difundida pelas instituições dominantes no intuito de perpetuar sua dominação. Por outro lado, a identidade de resistência é aquela que, como o próprio nome indica, resiste à identidade legitimadora. Finalmente, a identidade de projeto é aquela que vai além da simples resistência e parte para a construção de uma nova identidade. Enquanto a identidade de resistência apenas nega a identidade legitimadora, a identidade de projeto não só a nega como também propõe uma nova para substituí-la. A única diferença entre Castells (1999) e Sarup (1996), portanto, é o fato de o primeiro reconhecer dois níveis de resistência ao poder refletidos nas identidades sociais dos indivíduos.

Da mesma forma que a cultura da classe dominante tende a se impor sobre as demais manifestações culturais, identidades podem, e muitas vezes realmente são, formadas a partir de instituições dominantes (CASTELLS, 1999), que podem reformular e até mesmo manipular identidades (CUCHE, 1999). O direito à identidade, o poder de identificação, depende do posicionamento social. A identidade é, portanto, “o que está em jogo nas lutas sociais” (CUCHE, 1999, p. 185), pois elas podem ser responsáveis pela inclusão ou exclusão social. Segundo Bourdieu (1980), “somente os que dispõem de autoridade legítima, ou seja, de autoridade conferida pelo poder, podem

impor suas próprias definições de si mesmos e dos outros” (CUCHE, 1999, p. 186).

Em uma situação de dominação caracterizada, a hetero-identidade ou exo-identidade se traduz pela estigmatização dos grupos minoritários. Ela leva freqüentemente neste caso ao que chamamos de uma “identidade negativa”. Definidos como diferentes em relação à referência que os majoritários constituem, os minoritários reconhecem para si apenas uma diferença negativa. Também pode-se ver entre eles o desenvolvimento dos fenômenos de desprezo por si mesmos. Estes fenômenos são freqüentes entre os dominados e são ligados à aceitação e à interiorização de uma imagem de si mesmos construída pelos outros. A identidade negativa aparece então como uma identidade vergonhosa e rejeitada em maior ou menor grau, o que se traduzirá muitas vezes como uma tentativa para eliminar, na medida do possível, os sinais exteriores da diferença negativa (CUCHE, 1999, p. 185).

Identidade social e identidade cultural

Os conceitos de cultura e identidade adotados neste trabalho, ambos de natureza interacional, sócio-construcionista, e plural, parecem se confundir em alguns momentos, uma vez que as mesmas categorizações que definem culturas também definem identidades (classe social, idade, raça, profissão, gênero, sexualidade, origem etc.). No entanto, “participar de certa cultura particular não implica automaticamente ter certa identidade particular” (BARTH, 1969 apud CUCHE, 1999, p. 200-201), pois certos traços culturais fazem parte da identidade, mas dificilmente uma identidade engloba todos os aspectos de uma cultura (tomada aqui no seu sentido totalizante). Os indivíduos buscam recursos em diversas culturas, principalmente no mundo globalizado atual, na construção de suas identidades; “uma mesma cultura pode ser instrumentalizada de modo diferente e até oposto nas diversas estratégias de identificação” (CUCHE, 1999, p. 201). Por outro lado, “estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura” (CUCHE, 1999, p. 176).

Acredito que a visão de cultura como fonte de construção de identidade fique clara na definição de Castells (1999, p. 22):

entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo (...) [há] identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social.

Vários autores utilizam o conceito de identidade cultural (CUCHE, 1999; HALL, 1992 [2003]). A identidade cultural é um dos componentes da identidade social, o responsável pela vinculação cultural. Segundo Cuche (1999, p. 177), a identidade social

exprime a resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante. A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente.

Quando a identidade social passa a identificar um grupo, e não apenas cada indivíduo separadamente, ela distingue um grupo – e seus membros – dos demais grupos. Nesse sentido, a identidade cultural é um dos componentes da identidade social, uma modalidade de categorização baseada na diferença cultural (CUCHE, 1999). Diferentes identidades culturais de diferentes culturas são absorvidas por um indivíduo e tornam-se partes de suas identidades sociais. Enquanto a cultura existe no âmbito dos processos inconscientes, sem consciência de identidade, a identidade cultural “remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (CUCHE, 1999, p. 176).

As identidades culturais, enquanto parte integrante das identidades sociais, também são múltiplas, fragmentadas, contraditórias e fluidas. O não entendimento dessa natureza pode acarretar nas visões essencialistas de identidade nacional e cultura nacional.

O Estado moderno tende à monoidentificação, seja por reconhecer apenas uma identidade cultural para definir a identidade nacional (...), seja por definir uma identidade de referência, a única verdadeiramente legítima (...), apesar de admitir um certo pluralismo cultural no interior de sua nação. A ideologia nacionalista é uma ideologia de exclusão das diferenças culturais (CUCHE, 1999, p. 188).

Referências bibliográficas

BAHKTIN, M. [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARTH, F. Lês gruops ethniques et leurs frontières. In: POUTIGNAT, S. F. **Théories de l'ethnicité**, Paris: PUF, p. 203-249, 1969.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BRADLEY, H. **Fractured identities**. Cambridge: Polity Press, 1996.

CALHOUN, C. Multiculturalismo e nacionalismo, ou por que sentir-se em casa não substitui o espaço público. In: MENDES, C.; SOARES, L. E. (Eds.). **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 200-228.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

FOUCAULT, M. [1979]. **Microfísica do Poder**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FOUCAULT, M. [1975]. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRIDMAN, M. **Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1990.

HALL, S. [1992]. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MERCER, K. Welcome to the jungle: identity and diversity in postmodern politics. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). **Identity: community, culture, difference**. London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 43-71.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. Stories through which we are woven: constructing masculinity in the language classroom. Tokyo, mimeo, 1999. Trabalho apresentado no XII World Congress of Applied Linguistics.

MOITA LOPES, L. P. Discourses of identity in an L1 reading classroom: the construction of difference. Jyväskylä, Finlândia, mimeo, 1996. Mimeo. Trabalho apresentado no XI Congresso Internacional de Lingüística Aplicada.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **Delta**, São Paulo, vol. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MOUFFE, C. Identidade democrática e política pluralista. In: MENDES, C.; SOARES, L. E. (Eds.). **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 410-430.

NORTON, B. **Identity and language learning**: gender, ethnicity and educational change. London: Pearson Education, 2000.

NORTON, B. & TOOHEY, K. Identity and language learning. In: KAPLAN, R. (Ed.). **The Oxford handbook of Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 115-123.

SARUP, M. **Identity, culture and the postmodern world**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SOARES, L. E. Globalização como deslocamento de relações intraculturais. In: MENDES, C. & SOARES, L. E. (Eds.). **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 379-409. p. 379-409.

WEEKS, J. The value of difference. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). **Identity**: community, culture, difference. London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 88-100.